

## “CATADOR CIDADÃO; TRABALHO DIGNO”

### ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO DO ESTIGMA ADOTADAS PELOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL EM BELO HORIZONTE, BRASIL

Martina Morbidini

#### **Introdução: catadores de material reciclável em Belo Horizonte**

Os catadores de material reciclável são uma presença constante na maioria dos Países do Sul do Globo. São pessoas que recolhem papel, papelão, PET ou alumínio em lixões, nas ruas, ou nas lixeiras, para vender para intermediários ou fábricas de reconversão de materiais. No Brasil, a catação de material reaproveitável tem uma história conexa com estratégias de sobrevivência para as camadas mais pobres da sociedade, e, em alguns casos, chega a ser uma das poucas oportunidades de trabalho acessíveis para os pobres e marginalizados das cidades (Gutberlet 2008; Medina 2008; Coletto 2012).

A catação de materiais recicláveis em alguns casos propicia um salário razoável e permite que muitas pessoas saiam da extrema pobreza. Alguns catadores, especialmente aqueles organizados em cooperativas, podem se considerar parte da nova classe média. Mas, além de estar longe de ser um salário suficiente para a efetiva sustentação de uma família, esse salário de ‘nova classe média’ não resulta em um status social mais alto, e os profissionais que trabalham com lixo continuam sendo marginalizados socialmente e economicamente (CHUA, 2002; DAGNINO, 2007). A marginalização dos catadores nas cidades brasileiras é ao mesmo tempo física, para aqueles que vivem em favelas ou outros aglomerados urbanos da periferia, e existencial, na medida em que a proximidade com o lixo implica um estigma que os coloca na base da hierarquia de respeitabilidade.

A catação de materiais recicláveis não se apresenta, contudo, apenas como uma oportunidade de trabalho para os pobres; também é um trabalho fundamental numa sociedade cada vez mais consumista. Muito do entulho e do lixo urbano acaba em lixões ou aterros não isolados. As Leis Federais previam otimistamente acabar com os lixões até agosto de 2014,<sup>1</sup> mas, em 2014, ainda 2,825 toneladas ao dia acabaram em lixões só em Minas Gerais, (contra as 2,803 toneladas ao dia em 2013),<sup>2</sup> demonstrando que o processo de regularização dos aterros sanitários ainda não começou. Algumas práticas alternativas, como a incineração, são excluídas pela Legislação Federal para favorecer a inclusão socioeconômica dos catadores, como nas regulações sobre a catação de materiais recicláveis em 2006 e 2007.<sup>3</sup> Enquanto o setor formal de coleta de lixo urbano se esforça para chegar a uma solução viável e sustentável ao mesmo tempo para o lixo urbano, os catadores, agindo na informalidade, vêm tratando o lixo com práticas sustentáveis há décadas.

O paradoxo que encontramos é que o trabalho sustentável e eficiente dos catadores e o reconhecimento nas leis federais não estão resultando em mais reconhecimento socioeconômico. O estigma sobre o trabalho com lixo ameaça a sustentabilidade social e econômica do trabalho de catador de materiais recicláveis, e a discriminação dos catadores continua em uma fase de progressivo aumento dos consumos no Brasil, no qual o papel dos catadores no desenvolvimento de

---

1 Folha de São Paulo, 24.6.2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/06/1474724-catadores-assumem-coleta-de-lixo-reciclavem-em-50-cidades-do-pais.shtml>.

2 ABRELPE Panorama 2014, 18.09.2015. Disponível em: <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2014.pdf>.

3 Decreto nº. 5.940/06 e Lei nº. 11.445/07, Presidência da República. Acesso em: 18 set. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/111445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111445.htm).

metodologias sustentáveis para a gestão de resíduos sólidos poderia ser de grande valia. Consequentemente, as tentativas ainda não efetivadas de fechar lixões, o aumento do consumo na sociedade brasileira junto à necessidade de desenvolver possibilidades de renda ‘decentes’ para as camadas mais baixas da sociedade, todos esses fatores apontam a necessidade de um reconhecimento socioeconômico do trabalho dos catadores.

Esse capítulo analisa as estratégias adotadas pela ASMARE, uma cooperativa de catadores de matérias recicláveis em Belo Horizonte, Minas Gerais, para superar o estigma e entrar no espaço público como um grupo de profissionais reconhecido. Muitas das estratégias observadas utilizam discursos sobre a sustentabilidade e a reciclagem que podem ajudar o percurso de inclusão social dos catadores, e a pesquisa integra o elemento da mobilização social na narrativa. A prática da reciclagem é apresentada como um dos argumentos a favor da inclusão socioeconômica dos catadores, e é comunicada aos cidadãos urbanos de classe média através da arte e do discurso ambientalista. O capítulo é baseado no trabalho de campo conduzido em Belo Horizonte de janeiro a março de 2014.

Em primeiro lugar, o texto explorará os mecanismos de reprodução do estigma sobre o lixo e sobre a pobreza que incide sobre o trabalho dos catadores em Belo Horizonte. Como já evidenciou Goffman (1986), a estigmatização é um poderoso mecanismo de exclusão, e, para os catadores, é importante se afastar desses mecanismos para conseguir uma verdadeira inclusão socioeconômica. Em seguida, analisarei as principais estratégias adotadas pela ASMARE para se afastar do estigma, sobretudo a abertura de um diálogo e uma colaboração com dois setores simpatizantes entre os cidadãos de classe média e média-alta: instituições educativas e artistas.

Os principais interlocutores da ASMARE são militantes dos movimentos ambientais e inovadores sociais. Ironicamente, a prática de

reciclar materiais destinados ao aterro, que é a atividade profissional e a sabedoria que os catadores podem oferecer aos movimentos ambientalistas e aos inovadores sociais da cidade, é também o que degrada os catadores aos olhos de muitos brasileiros de classe média e alta. No caso da ASMARE, a prática da reciclagem se tornou um meio para ganhar respeito; até para ter um lugar como autoridade moral em debates sobre a sustentabilidade ecológica e as estratégias de inovação social. As instituições educativas, desde o ensino fundamental até as universidades, estão promovendo a reciclagem entre as práticas sustentáveis de cidadania, uma atitude que pode ajudar na mudança da percepção do “lixo” levando a uma visão ética do problema e não só estética. Os artistas de rua, artistas visuais e conceituais, assim como os designers, veem na reciclagem de materiais destinados ao lixo uma oportunidade para subverter a mesma percepção comum do “lixo” e promover uma inovação social a partir de materiais descartados.

### **Lixo, pobreza, estigma**

Na próxima sessão, vou demonstrar como, no caso dos catadores de material reciclável, o estigma é uma consequência de uma visão neoliberal sobre a pobreza e o lixo ao mesmo tempo, e vou argumentar que é crucial, para os catadores, afastar-se do estigma para conseguir uma inclusão socioeconômica.

O lixo é algo que não é mais necessário, um objeto indesejável e, portanto, algo que contamina de negatividade aqueles que trabalham com isso (GUTBERLET, 2008, p. 3). Lixo implica inutilidade, e, invariavelmente, é algo rejeitado para alguém que não reconhece mais a utilidade ou a conveniência de um objeto ((DOUGLAS, 1966). Trabalhar em contato direto com o lixo corresponde, portanto, a uma posição de marginalidade na sociedade moderna. De fato, os

catadores de material descartado lembram à sociedade que alguém tem que lidar com o lixo, com a verdadeira produção do consumismo, na medida em que o consumismo “não comporta uma mera acumulação de produtos, mas é um mecanismo que obriga a utilizar esses produtos e descartá-los o mais rápido possível para dar espaço a outros objetos/objetos” (BAUMAN, 2000, p. 49). A ilusão de viver em uma sociedade moderna e eficiente desaparece no exato momento em que o feitiço da “limpeza” é quebrado.

O lixo também implica um risco de contágio mais alto para aqueles que estão mais afastados e que têm menos conhecimento de primeira mão sobre o assunto. Scanlan (2009) define lixo como algo freudianamente ‘estranho’, um objeto que já foi familiar, mas que, uma vez fora do seu lugar, tendo mudado de forma, de cor, de padrão, de uso, transforma-se em algo desconhecido e desajeitado. Drackner (2005) fala de “contágio social” para explicar o medo de ser associado com a estética negativa do “lixo”, um medo de ser categorizado também como “lixo” que deixa os sujeitos que vivem com a coleta de materiais recicláveis marginalizados e isolados.

Os modernos cidadãos urbanos, assim como as sociedades urbanas em geral, têm desenvolvido mecanismos bastante eficientes para evitar o contato com o lixo, confinando-os em sacos, lixeiras, lixões, aterros sanitários, ou através da incineração. Mas é um grupo designado de profissionais que é responsável por lidar com resíduos, sem ajuda, preferivelmente de noite e de qualquer jeito, longe da vista dos outros cidadãos (WILSON, 2006). Evitando qualquer tipo de envolvimento direto na gestão dos resíduos sólidos, os cidadãos podem evitar assumir responsabilidades sobre o lixo que é gerado, trocando-os pelo pagamento de impostos. Uma cidade eficiente e moderna é uma cidade limpa e segura, onde respeitáveis cidadãos podem viver longe do lixo, do entulho, da poluição, da desordem.

No caso da zona central de Belo Horizonte, uma floresta de prédios de vinte andares, divididos em apartamentos espaçosos com ‘quartos de despejo’ e elevadores de serviço, qualquer contato pessoal entre residentes e catadores é virtualmente impossível. Na prática, o contato entre catadores e moradores é mediado por outra categoria de profissionais: os porteiros, que são responsáveis pelo descarte do lixo produzido pelos moradores do prédio, por manter o decoro público de não sujar a entrada, e até por proteger as sacolas de lixo de olhos e mãos indiscretas até os garis o recolherem. Esta mediação protege os moradores desses prédios do risco de contágio social, restringindo esse risco aos mediadores: os porteiros.

A maioria dos catadores trabalha com o lixo sem uma licença oficial. Elas e eles não têm medo de lixo ou de contaminação social, nem estão completamente sob o controle de alguma autoridade. Um preconceito moral bastante difundido percebe a proximidade com o lixo como diretamente associada à poluição moral, o que coloca os catadores informais no ponto mais baixo da escala de respeitabilidade social (SCANLAN, 2009, p. 168).

Ademais, o estigma que os catadores carregam também é um produto da essência da ideologia neoliberal: a crença de que cada cidadão tem iguais chances de “sucesso”. Para o mercado e a moral neoliberal, a pobreza é considerada como o resultado de uma (ir)responsabilidade pessoal, ou, mesmo, uma característica ontológica, e não como o resultado de uma discriminação estrutural (LAWSON et al., 2012). Ser pobre, desempregado, sustentar-se com atividades informais, em alguns casos até ilegais, longe de ser uma fatalidade ou a intersecção de vários fatores de discriminação, é uma vergonha e uma marca de inferioridade moral (STARRIN, 2002).

A abordagem da ecologia política no contexto urbano oferece um entendimento analítico e crítico da conexão entre lixo (poluição) e

desigualdade social, focalizando “as implicações ambientais das desigualdades socioeconômicas, étnicas, raciais, e de gênero” (JAFFE e DÜRR, 2012, p. 19). Esta perspectiva analisa as causas socioeconômicas da pobreza e considera a marginalidade social como um resultado de discriminações estruturais. A pobreza na sociedade neoliberal é internalizada nos indivíduos como cumprimento esperado de uma tendência natural que desencoraja qualquer tentativa de sair dessa situação, e rejeita a esperança de obter a inclusão socioeconômica e o verdadeiro acesso aos direitos de cidadania (CHUA, 2002).

Na sociedade brasileira, a correlação entre pobreza e falta de acesso a direitos é forte. A longa história colonial de escravidão e racismo favorece uma reprodução da desigualdade e da marginalização segundo linhas raciais. Em Belo Horizonte, como em muitas cidades brasileiras, é muito comum e mais ‘natural’ que um catador, uma empregada, um porteiro, até um sem-teto seja preto ou pardo (ANDREWS, 1996; GUIMARÃES, 2000; TWINE, 1998). Essa pobreza de raça é uma consequência do ‘capitalismo racial’, um processo que produz pobreza através de um desenvolvimento desigual onde o privilégio branco mantém e fortalece o seu poder econômico, e, simultaneamente, reproduz a exclusão socioeconômica dos pretos (LAWSON in GUTBERLET, 2012, p. 21).

O processo de reconhecimento de uma discriminação estrutural é até hoje minado pelo mito da ‘democracia racial’, a antiga ideologia que argumenta que cada brasileiro tem uma gota de sangue negro em si e, portanto, não é possível falar de racismo em uma sociedade tão miscigenada (GUIMARÃES, 2000). Se nas universidades e nos ambientes progressivos essa ideologia é tão velha quanto o colonialismo, ‘democracia racial’, no modo de ver comum, ainda mantém raízes e influencia as opiniões da classe média. Na prática, a profissão de catador é estigmatizada por ser ‘trabalho de pobre’, e o fato de a maioria

dos catadores em Belo Horizonte ser constituída por negros ou pardos reforça o estigma sobre uma profissão indigna, ou menos digna.

### **Meio Ambiente, reciclagem e ecologia**

A catação de materiais recicláveis tem uma influência preponderante na reprodução da marginalidade socioeconômica dos catadores. Primeiro, como já argumentado, a proximidade com o lixo transfere para as pessoas um estigma moral e físico através do contágio social (DRACKNER, 2005, p. 6). Em segundo lugar, a ideologia e as práticas neoliberais que culpam o pobre por ser o responsável da sua pobreza também interpretam o trabalho numa ocupação estigmatizada como é a catação como sinal de uma conduta imoral, escolhas erradas, até depravação.

Contudo, o lixo é considerado uma oportunidade para aqueles que se sustentam com a catação, na medida em que aproveita o potencial econômico de materiais que outros descartaram ou consideraram inúteis e sem valor. A necessidade de uma fonte de renda levou os catadores a superar a percepção comum sobre o lixo e a colocar a respeitabilidade em jogo. Bryant já tinha considerado a possibilidade de que a degradação ambiental oferecesse oportunidades para os pobres em lugar de só depauperá-los ainda mais (1992, p. 25). No caso dos catadores de materiais recicláveis, o aumento da produção de lixo e da degradação ambiental não simplesmente oferece oportunidades para sair da pobreza trabalhando nas brechas de uma gestão de resíduos caótica, mas também os coloca numa posição estratégica, perto de argumentos que têm sido esquecidos por muito tempo pela sociedade.

Gutberlet (2008) faz uma introdução aos conflitos sobre os resíduos sólidos, explicando que, uma vez descartado, o material torna-se acessível para diferentes agentes, entre outros intermediários,

empresas multinacionais, catadores, gestores de depósitos, de aterros, de incineradores. Estas partes podem entrar em conflito, e a luta para controlar esses recursos é mais intensa nas regiões do Sul onde, para a parte mais desfavorecida da sociedade, o acesso aos materiais vira uma questão de subsistência básica. “O lixo é um grande negócio; afastar-se do lixo ou transformá-lo em capital evidencia um implacável impulso para a mercantilização” (HAWKINS, 2006, p. 94).

A reivindicação dos catadores de serem os agentes mais apropriados para a gestão de resíduos recicláveis poderia ser mais sólida se tivesse como base uma consciência mais geral sobre o meio ambiente e os desafios da sociedade de consumo. Prefeituras e governos regionais no Brasil já têm reclamado sobre a falta de responsabilidade dos cidadãos e sobre a relutância em participar de programas de coleta seletiva (DO CARMO, 2012), culpando a falta de educação sobre o tema e o atraso social nesse assunto, pede uma modernização dos cidadãos e não só das cidades. Contudo, um comportamento pró-ambiental dos cidadãos depende de muitos fatores além da modernização (KOLMUSS e AGYEMAN, 2002). Além disso, na realidade, considerando a maior proximidade com o problema em relação a outras sociedades, as classes média e média-alta urbana brasileiras poderiam ter mais experiência com problemas ambientais do que muitos cidadãos ‘modernos’ do Norte do mundo (BEKIN et al., 2008).

No caso da ASMARE, os discursos sobre a sustentabilidade, o ambientalismo e o consumo responsável, especialmente na prática da reciclagem, não são estranhos para as classes média e média-alta e são utilizados precisamente para comunicar com a população educada. Alguns autores se referem à possibilidade de uma colaboração entre as camadas baixa e média da população através de “novas formas de subjetividade”, e de um impacto positivo sobre a “dimensão moral” (HAWKINS, 2006, p. 95). Uma perspectiva positiva e moralmente

enriquecedora sobre o lixo remove o estigma ligado à coleta de resíduos, e transforma a proximidade com o lixo em uma expressão de virtude.

O diálogo com uma classe média e média-alta ecologicamente consciente e com instituições educativas é a principal estratégia adotada pela ASMARE para livrar os catadores do estigma: através da desconexão do lixo com uma categoria moralmente negativa. A próxima sessão introduz um exemplo de como o diálogo entre a ASMARE e as instituições culturais de Belo Horizonte foi desenvolvido com base numa mudança na percepção do lixo e do descarte do lixo. É o caso do “Seu Lixandre”, uma exposição temporária no “Espaço do Conhecimento UFMG”, um museu interativo no circuito museal da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

### **“Seu Lixandre”**

O museu “Espaço do conhecimento” dedicava-se às três maiores questões filosóficas da humanidade (de onde viemos, quem somos, para onde vamos), com a contribuição de professores, pesquisadores, estudantes e estagiários em diferentes disciplinas, inclusive em história, astronomia e antropologia. Inicialmente, o setor dedicado à questão ‘para onde vamos’ estava concentrado em problemas como a sustentabilidade, energias alternativas, poluição do ar e da água no mundo. Os profissionais do museu e mesmo os estagiários não ficaram satisfeitos com essa parte da exibição, considerada ‘sem alma’, organizada em cima da hora para a inauguração do evento. Assim, na tentativa de criar uma sessão mais atrativa para o público, a exibição foi estendida para incluir uma parte sobre os catadores da ASMARE.

Toda a parte da exibição sobre a ASMARE é o resultado da colaboração entre os profissionais do museu e os membros da associa-

ção, com uma elevada participação dos catadores na concepção, no estabelecimento, e, no final, como público do museu. No início, os curadores buscaram a parceria com a ASMARE para expor alguns objetos de arte e artesanato feitos de materiais recicláveis numa das oficinas organizadas pela ASMARE. A reação dos associados foi entusiasta, e, a partir dessa ideia, as duas instituições têm trabalhado junto para incluir a narrativa sobre a catação e sobre a profissão de catador na exibição.

No resultado final, a exibição chegou a examinar o papel dos catadores como agentes ambientais, concentrando-se na história da cooperativa na cidade. Como parte do primeiro subtema da exibição, havia muitos objetos de arte expostos, feitos de materiais recicláveis, como cortinas de alumínio, lâmpadas, decorações e móveis de plástico PET. Essa parte se propôs a dar visibilidade à reutilização de materiais como uma das estratégias para ter um estilo de vida mais sustentável. Além disso, documentários sobre o problema do lixo e da poluição no Brasil foram apresentados no teatro diariamente.

O segundo subtema da exposição representava a história da cooperativa e dos catadores de materiais recicláveis em Belo Horizonte. Os catadores da ASMARE abriram os seus arquivos de vinte anos e insistiram na representação da história da cooperativa e dos trabalhadores da ASMARE como uma resposta social a um dos desafios de classe média e média-alta: a degradação ambiental. Vinte anos de artigos de jornal documentando os protestos contra uma discriminação brutal e as tentativas de obter infraestrutura adequada para processar os materiais recicláveis, junto com a luta para obter um galpão e acesso aos resíduos sólidos urbanos, foram selecionados e projetados numa das salas da exposição onde o visitante podia se sentar para assistir sobre cubos de latinhas comprimidas. A exposição

também mostrou curtas-metragens e vídeos sobre o percurso de um catador, e entrevistas aos catadores da ASMARE.



Figura 1: O Carrinho na exposição “Seu Lixandre”, no Espaço do Conhecimento UFMG.

Fonte: Fotografia de Martina Morbidini

“Seu Lixandre” tornou visível a história, as lutas pela inclusão socioeconômica dos catadores, e o impacto positivo que o trabalho tem no meio ambiente. Mas os catadores não foram simples objeto de uma exposição; eles conseguiram desafiar ativamente a percepção comum de que são pessoas que não têm trabalho, que atrapalham no trânsito ou que simplesmente são invisíveis no cenário urbano. Um objeto-chave da exposição foi um carrinho da ASMARE, enchido só até um terço de sua capacidade, que os visitantes podiam empurrar para experimentar a dificuldade de manobrá-lo no trânsito da cidade (figura 1). Não é surpreendente que, a não ser quando encorajados pelo pessoal do museu, formado por um grupo de estudantes da UFMG cheio de entusiasmo, os visitantes em geral se mantinham afastados do carrinho. O que mais desincentivou as pessoas não foi tanto uma aversão ao lixo, quanto uma observância da etiqueta mu-

seal. A arte conseguiu testar as percepções comuns de puro e impuro, de desprezível e de admirável. A exibição inteira estimulou o visitante a abandonar seus preconceitos sobre os catadores.

Drackner (2005) correlaciona a associação do risco a uma estética negativa, tornando o lixo (e os catadores) presença desagradável. Aqueles que não têm experiência direta com o lixo percebem um risco mais alto na gestão de resíduos sólidos. O carrinho ofereceu a possibilidade de superar o preconceito. O público, na maioria de classe média, consistia em famílias, ocasionalmente turistas e, sobretudo, crianças de escolas públicas e privadas. Assim sendo, a realidade dos catadores atingiu um público que não tem nem oportunidade nem necessidade de entrar em contato com a ASMARE.

A ASMARE queria evitar uma imagem romantizada do trabalho do catador. Os catadores foram os primeiros na cidade que trabalharam de um jeito sustentável pelo meio ambiente e que praticaram a reciclagem, mas os catadores não queriam trair as verdadeiras causas do empenho pela sustentabilidade; exclusão socioeconômica, marginalidade e discriminação foram os motores da mobilização dos catadores, e o tom da exposição tinha que evidenciar esse aspecto. A partir da abordagem da política ecológica torna-se cristalina a mensagem de que os catadores podem “contestar os equilíbrios socioeconômicos existentes” e utilizar discursos ambientalistas para promover uma mudança na sociedade e, ao mesmo tempo, promover a própria posição na sociedade (BRYANT, 1992, p. 28); e, no caso, da exibição, esta foi a estratégia adotada explicitamente e de maneira consciente pelos catadores.

O tema do conhecimento profissional e das habilidades dos catadores de resíduos também foi abordado na exposição. Como explica um dos curadores:

Pensei que o outro aspecto que valeu a pena apresentar foi uma produção de conhecimento sobre o processo de coleta de lixo em si, como este também foi desenvolvido pelos catadores... E essas técnicas são abundantes! Como você se para isso daquilo, como escolher o material que realmente vale a pena recolher, onde estão os materiais mais valiosos a serem encontrados, aonde você vai buscá-los na cidade. Pensei que, além de ser fascinante, todo esse conhecimento que os catadores tinham adquirido através da experiência demonstra o papel dos catadores como agentes ambientais, como pessoas que construíram uma ocupação adequada, uma profissão inteira, e valeu a pena apresentar esse aspecto.

Neste caso, a “sustentabilidade”, um termo que Jutta Gutberlet (2008) considera ambíguo, e, em alguns casos, politicamente correto, vazio para rotular certas práticas, foi defendida ativamente por membros da ASMARE. A “sustentabilidade” foi evocada para encetar um diálogo com um público de classe média e média-alta, a fim de promover uma mudança de valores e da sensibilidade comum em relação a resíduos (ESTER et al., 2004). Os catadores da ASMARE esperam uma dupla mudança de atitude da parte dos cidadãos urbanos: uma perspectiva diferente sobre lixo reciclável e um tratamento diferente daqueles que já exercem práticas sustentáveis, mesmo que seja por necessidade. Daí os coletores de materiais recicláveis, pioneiros da reciclagem em Belo Horizonte, reivindicarem o direito deles a um tratamento diferente, não só por causa de um comportamento ambiental virtuoso, mas, especialmente, por causa de uma história de marginalização.

Uma catadora resumiu esta alegação em um dos documentários mostrados na exposição: “Eu sou preta, pobre, mas eu tenho respeito e sou cidadã brasileira; Eu sou uma catadora de materiais recicláveis e quero que vocês me respeitem” (Catadora da ASMARE, em Castelo Branco, 2013).

Em apenas uma frase, a catadora aponta todos os obstáculos que coletores de resíduos encontram em sua jornada rumo à inclusão socioeconômica: discriminação racial, o peso da culpabilização dos pobres pelas circunstâncias de suas vidas, a falta de acesso à cidadania, a estigmatização e a desrespeitosa percepção da coleta de material reciclável como um trabalho indigno, ou menos digno de respeito do que outros trabalhos. Esta frase resume todo o engajamento dos catadores que trabalham em cooperativas para o reconhecimento da sua ocupação como uma profissão digna. Emerge uma narrativa de ‘merecimento’, a partir de uma exposição sobre o desenvolvimento sustentável, a reciclagem, a reutilização dos recursos e a concomitante redução do consumo.

Espera-se que uma nova maneira de ver os resíduos sólidos possa resultar em um maior reconhecimento do trabalho de catador, sem exigir uma negação da proximidade com a “matéria poluída”, mas alterando a percepção das classes média, média-alta e alta sobre o que é sujo e o que pode tornar-se nobre. A próxima sessão analisará o diálogo entre a ASMARE e os artistas locais, os designers e os músicos. Surpreendentemente, o lugar em que esse diálogo é promovido é também, e principalmente, um templo da arte culinária: o restaurante RECICLO ASMARE Cultural.

### **RECICLO: ASMARE Cultural**

A história deste restaurante no coração de Belo Horizonte está estreitamente ligada à história da ASMARE e é emblemática de um modelo de parceria entre cooperativa de catadores e artistas. O que ela dá a ver claramente é como a questão da reciclagem tem incentivado o diálogo entre ASMARE e músicos, artistas e designers, e como este diálogo atraiu uma população de classe média e média-alta, sem a necessidade de abraçar discursos de solidariedade ou luta socioeconômica.

mica. RECICLO homenageia a profissão de coleta de resíduos através da reinterpretação dos próprios resíduos, e demonstra a unidade de uma cooperativa através de eventos musicais e comida.

A casa verde, com o seu jardim cercado, que hospeda o “RECICLO ASMARE Cultural” está localizada em uma área da cidade, a do bairro Lourdes, no meio das principais atrações culturais de Belo Horizonte. A casa é rodeada por museus (circuito cultural Praça da Liberdade, cinco museus de história natural de arquitetura modernista), salas históricas, clube de tênis (um dos clubes mais caros e elitistas na cidade) e a biblioteca pública. O edifício é parte da herança cultural da jovem cidade de Belo Horizonte. É um restaurante para pessoas de classe média-alta, especialmente jovens profissionais que trabalham no bairro. Da rua não é imediatamente óbvio para um transeunte entender o fato de que o edifício abriga um restaurante, e, ainda menos, de que é o centro cultural da ASMARE. Talvez as cadeiras de jardim, feitas de pneus de caminhão, possam fisgar o olho de alguém, mas parece que o lugar conta mais com a divulgação boca a boca do que com outros tipos de publicidade.

RECICLO é a vitrine brilhante da cooperativa e isso se torna imediatamente evidente quando um visitante se aventura a entrar ali. O edifício é dividido em três andares e cada um deles serve a um propósito diferente. No térreo há um buffet de almoço com “Comida Mineira”: vários tipos de carne e legumes, servidos com o adorado arroz e feijão. Como em muitos outros restaurantes de almoço no Brasil, os preços são calculados por quilo. Não é tão barato como eu esperava, mas a qualidade é bastante elevada (talvez os melhores lanches que me concedi durante o trabalho de campo). Bebidas alcoólicas não são servidas no restaurante, em respeito a alguns dos membros do pessoal que se recuperaram de uma dependência de álcool.

O projeto 'RECICLO' é o resultado de uma colaboração entre escolas de design e universidades em Belo Horizonte, e alguns artistas plásticos da faculdade de Belas Artes foram responsáveis pela curadoria das peças de arte. No térreo e no primeiro andar, cada detalhe, desde as mesas até as decorações, dos quadros até o banheiro, tudo é feito de materiais reciclados. O "granito" das mesas é feito de latas prensadas e de 'tetra-pack'; os mosaicos no banheiro são feitos de pedaços de telhas quebradas; as cênicas cortinas são feitas de latas de alumínio; as lâmpadas são velhas garrafas de plástico que agora se assemelham a elegantes candelabros. Muitos destes enfeites também foram expostos no "Seu Lixandre" e foram a inspiração inicial para o pessoal do Museu iniciar a colaboração com a ASMARE.

"Não dá pra acabar com o lixo do mundo" fazendo arte e mobiliário com materiais recicláveis. Os catadores da ASMARE estão bem cientes disso; no entanto, esse gesto serve para fazer uma declaração. Arte e artesanato fazem as pessoas refletir sobre a essência do desperdício, sobre tudo aquilo que é jogado fora e que poderia viver uma segunda vida. É um meio tácito, simbólico, de sensibilizar as pessoas que, de outro modo, não seriam forçadas pela necessidade de prestar atenção aos resíduos que produzem.

O passado dos catadores não foi ignorado pelos trabalhadores do RECICLO e, quando convidados, falam sobre seu próprio passado como catadores de lixo e de outros que ainda trabalham como catadores. Entretanto, na maioria das vezes, o elemento da coleta de resíduos era deixado de lado a fim de concentrar a atenção no serviço e no profissionalismo do restaurante. Esta empresa demonstra que a estigmatização da profissão de catador e dos cidadãos marginalizados no sentido amplo desempenha um papel importante nas estratégias que a ASMARE adota para entrar em contato com os cidadãos de classe média e média-alta. Dentro do RECICLO, não encontrei si-

nais de medo de ‘contágio social’ (DRACKNER, 2005, p. 6) associado à proximidade com o lixo e com a pobreza. Apesar de tudo, desde as decorações até a maneira como os profissionais que trabalham nela se apresentam, nada no RECICLO faz uma conexão explícita entre lixo e pobreza. Resíduos e pobreza foram ali “domesticados” a fim de que o espaço pudesse ser frequentado por uma clientela de classe média e média-alta.

A falta de referências ao lixo e à marginalização dos catadores pode ser em parte explicada como uma forma de autoestigmatização ou “reprodução do estigma” (GUTBERLET e JAYME, 2010, p. 342): questões como a pobreza ou a coleta de resíduos são percebidas como “não apresentáveis” para um “público respeitável”. Por outro lado, os profissionais do RECICLO não renegam seu passado de catadores: embora abracem valores de classe média e média-alta e se comportem de acordo com as expectativas da classe média e média-alta, também indicaram uma consciência de como tudo no RECICLO, da arte à atitude dos garçons, foi uma oportunidade de ‘ligação’ com a classe média e média-alta. Considero essa reprodução da “domesticação” uma das estratégias conscientes da ASMARE e, em vez de uma mera reprodução do estigma ligado aos resíduos e à marginalização, seus membros decidiram adotá-la para melhorar a sua visibilidade e libertar-se dos constrangimentos da estigmatização.

A ASMARE foi bem-sucedida na escolha de uma categoria específica dentro da classe média e média-alta que estava entusiasmada para colaborar com os catadores: os artistas e algumas instituições educacionais e culturais. O RECICLO demonstra como, enquanto associação de catadores de resíduos, a ASMARE tem procurado e encontrado a atenção e a colaboração de instituições de classe média e média-alta, especialmente através da Faculdade de Belas Artes da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e da Escola de De-

sign da UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) em vários projetos diferentes. Todos ganharam alguma coisa com a colaboração: as instituições culturais receberam crédito por uma colaboração que ainda pode ser considerada uma “obra de caridade”, enquanto os estudantes e artistas ganharam visibilidade através de projetos de arte e design que agora estão expostos permanentemente no restaurante.

As empresas comuns engendraram um espaço que é uma atração cultural em si, entre todos os museus do bairro (um espaço no restaurante é dedicado a todos os prêmios ganhos pela associação e pelo RECICLO). O espaço é, sem dúvida, único na cidade, e tem potencial para atrair clientes, não só para o almoço, mas também para eventos, exposições culturais e oficinas, como, aliás, explicam as apresentações nos cartões postais do RECICLO.

O impacto da arte no espaço ‘RECICLO ASMARE Cultural’ liberta o restaurante (e, em parte, a associação inteira) da aura de piedade e da atitude caritativa que, em caso contrário, poderiam ter estimulado os clientes: além de alguns sinais que sublinham a importância da reutilização e da reciclagem e de uma abordagem criativa dos desafios da sustentabilidade, não é fácil de entender a origem do espaço, ou de suas raízes na coleta informal de resíduos sólidos. Quando eu notei que os elementos que recordaram a história da ASMARE não foram exibidos, um de meus informantes afirmou que a impressão que eles queriam dar certamente não era a de uma organização de caridade, mas de um restaurante gerido por chefs profissionais e garçons que, embora oriundos de situações de exclusão social e de privação, não se distinguem de profissionais de outras origens. As pessoas que trabalham no RECICLO são ‘ex-catadores’, o que significa que, ainda que eles permaneçam membros da ASMARE e que os lucros do restaurante sejam destinados para os fundos da associação, sua profissão como catadores de resíduos é ‘uma coisa do

passado’, um antigo trabalho. O ‘novo’ papel dos profissionais que trabalham no RECICLO é o de mediadores com pessoas de classe média e média-alta.

R. é um dos artistas que colaborou com a associação e que optou por continuar a sua colaboração com a associação no final do seu projeto. Ele assim definiu a finalidade do RECICLO:

O projeto RECICLO ASMARE Cultural é um projeto cultural que trabalha com reciclagem e para a inclusão social produtiva (econômica) das pessoas. Percebemos que a arte é uma forma de intercâmbio entre sociedade organizada e pessoas socialmente marginalizadas. As pessoas percebem que aquelas pessoas que são marginalizadas têm conhecimento. Eles (sic) são talentosos, eles têm cultura e podem ser absorvidos pela sociedade organizada sem necessariamente tirar aquelas pessoas longe da sua liberdade natural.

Da perspectiva do artista, a arte tem o poder de desafiar as percepções sociais comuns e de superar a estigmatização por meio de uma percepção de sensibilidade compartilhada em relação à beleza. O papel das obras de arte e de objetos de design no contexto do RECICLO é o de desafiar os clientes a um olhar diferente para resíduos e convidá-los a se envolver com o que consideram lixo, bem como de inspirar uma abordagem do sentido dos resíduos que coloca a criatividade acima dos preconceitos.

Além do restaurante, RECICLO hospeda outras iniciativas. Oficinas de “Artesanato urbano” reúnem catadores que trabalham nos depósitos de reciclagem e artistas que produzem trabalhos artesanais feitos de material reciclável. Como A. explicou:

Nas grandes cidades, você não vai coletar um bom pedaço de madeira, o que você vai encontrar são latas de alumínio, plástico, uma caixa de leite... no final, o que a cidade oferece como matéria-prima não é uma matéria-prima natural.

Vai ser uma matéria-prima industrial. É com essa matéria-prima industrializada que se pode praticar artesanato urbano. É um tipo de artesanato que vem da matéria-prima urbana.

Algumas das decorações do restaurante na verdade foram feitas por catadores que trabalham nos galpões, nas oficinas e em depósitos de reciclagem. No mesmo edifício, bem na entrada, há uma loja que vende bolsas, molduras e outros objetos feitos por catadores de materiais recicláveis. Mesmo algumas das ferramentas utilizadas pelos catadores, como os carrinhos, são construídas ou reparadas no contexto destas oficinas. A ideia de “arte urbana” é considerada pelos artistas e designers uma estratégia para capacitar os catadores de resíduos e reforçar o orgulho deles, porque, neste contexto, a proximidade com a matéria-prima é uma vantagem, não um defeito.

Os catadores da ASMARE têm promovido formas de artesanato urbano e buscaram a colaboração de instituições culturais em Belo Horizonte através do RECICLO, até agora com sucesso variável. Apoio financeiro do governo municipal resultou em investimentos em suporte técnico e em vários projetos, como as experiências com escolas de design e a melhoria das estratégias de marketing dos artefatos feitos de materiais recicláveis. Em 2014, esse programa, chamado “Núcleo da Arte”, foi temporariamente suspenso após um corte na subvenção municipal. A colaboração com a Escola de Design também foi interrompida, e, aos olhos de R., isso sinalizou o interesse limitado das escolas de design que “ainda” privilegiam o “artesanato de raiz”. Alguns catadores confessaram que não sabem exatamente por que pararam, já que foi uma experiência muito divertida, e alguns deles foram mesmo se tornando bons em criar objetos de materiais recicláveis. Catadores entrevistados no galpão da ASMARE e alguns trabalhadores do restaurante sugeriram que, talvez, a iniciativa não

tenha sido tão economicamente bem-sucedida como esperado. No entanto, a razão para este sucesso limitado é ainda o estigma referente aos resíduos.

O estado de Minas Gerais tem uma reputação de prestígio cultural no Brasil e no exterior, que deriva, por exemplo, da arquitetura barroca e do comércio de metais e pedras preciosas. Instituições culturais investem na preservação deste patrimônio cultural e na promoção dos produtos ‘tradicionalis’ da região. A “arte urbana” não se enquadra nesta imagem e encontra alguma resistência mesmo no ambiente artístico. Gutberlet e Jayme (2010, p. 3342) explicaram essa resistência através da lente da semiótica social. A estigmatização social é reproduzida por objetos e, neste caso, a exclusão dos catadores de lixo na sociedade e a estigmatização do trabalho deles são reproduzidas pela exclusão do artesanato urbano do ideal convencional de artefatos culturais, representado e reproduzido por instituições culturais. A desigualdade, a exclusão e a estigmatização social de catadores de resíduos, portanto, são reproduzidas mesmo pela ausência dos objetos de criação deles.

No entanto, começam a aparecer mudanças mais visíveis na apreciação de objetos de arte, mesmo no “templo” do artesanato de Belo Horizonte, o Palácio das Artes. O recentemente renovado edifício modernista oferece uma variedade de trabalhos artesanais da cidade e do interior de Minas Gerais e, apesar da aura de exclusividade que emana da arquitetura fina das paredes de vidro e dos detalhes de arquitetura modernista, o Palácio agora oferece salas para muitos artesãos, e cada peça vendida na loja mostra o nome do fabricante e o local onde foi feito. Há objetos decorativos, bem como joias, rigorosamente feitos de papel reciclado, de alumínio e de plástico. O fato de que esse tipo de produção artesanal “urbana” seja exposto em um espaço no qual o objetivo é preservar e promover o artesanato

regional mostra que a percepção de objetos feitos de material reaproveitado está mudando.

A ideia por trás das oficinas de artesanato e do restaurante RECICLO foi a possibilidade de capacitar catadores, apresentando-os como indivíduos criativos, bem informados, e de desenvolver suas habilidades criativas a fim de encontrar novas maneiras, para eles, de se conectar com pessoas de classe média e média-alta. Não obstante, permanece a questão: até que ponto os coletores de resíduos da ASMARE conseguiram mobilizar o apoio da classe média e média-alta para a sua posição de marginalizados através do uso da arte?

O propósito inicial de fazer as pessoas mudarem sua percepção sobre os resíduos e de dar um novo valor aos materiais recicláveis talvez não tenha encontrado imediatamente uma resposta positiva, nem mesmo entre as instituições que o promoveram. Isso não significa que o projeto foi ou deva ser considerado um fracasso. A parceria reuniu um grupo de aliados de classe média que continua a acreditar em uma mudança na perspectiva sobre a reciclagem, que defende a causa da inclusão social de catadores de lixo e que continua ajudando a associação no diálogo com a sociedade.

A abertura e o sucesso das oficinas de artesanato e do RECICLO ASMARE Cultural criaram e continuam a criar laços com pessoas de classe média e, além disso, reforçaram os laços de colaboração. Mesmo em uma instituição mais conservadora, como a loja no Palácio das Artes, as lógicas do “bom” artesanato tradicional e do artesanato urbano “barato” estão mudando lentamente à medida que artefatos feitos de materiais recicláveis fazem sua aparição no inventário com o nome do artista em um rótulo.

Além disso, o RECICLO criou um grupo de ‘ex-catadores’ que hoje trabalha como garçons, cozinheiros e assistentes de loja. Longe de ser uma reprodução do estigma, ou uma “domesticação” da margi-

nalidade social dos profissionais do restaurante, que de outra forma, poderiam “intimidar” os clientes, estas pessoas que trabalham no dia a dia em contato com uma clientela de classe média e média-alta estrategicamente adaptaram-se às expectativas e “códigos” dessa classe, e desse modo se transformaram em tradutores culturais entre catadores de resíduos e clientes de classe média e média-alta. Esta relação abre caminho para a ASMARE conectar-se mais facilmente com pessoas e instituições que, de outro modo, não seriam tão facilmente abordáveis. O RECICLO ASMARE Cultural, o restaurante e o uso de arte e do artesanato, portanto, têm sido estratégias bem-sucedidas de interação com a classe média e média-alta.

No entanto, o que os artistas, profissionais de educação e, especialmente, os catadores da ASMARE compreenderam há muito tempo é que arte e artesanato, embora possam ser poderosos, são apenas meios. Eles não são a mensagem final que os catadores desejam enviar para a sociedade. A mensagem que os catadores querem transmitir aos outros cidadãos de Belo Horizonte, especialmente para a classe média e média-alta é, sobretudo, a inclusão socioeconômica dos coletores de lixo reciclável na gestão dos resíduos urbanos como profissionais e o cumprimento de seu direito à cidadania plena, correspondente ao seu papel na sociedade. Este é o lugar apropriado para introduzir outra estratégia de interação que a ASMARE adotou para transmitir esta mensagem. É uma posição nua e crua a favor da sustentabilidade, acima de tudo da sustentabilidade da profissão ‘catador’.

### **‘Street art’ e os catadores no espaço público**

Os artistas brasileiros colaboram com coletores de resíduos não só das academias de Belas Artes e das escolas de design, mas também a partir de coletivos de ruas. Nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, desde 2011 o coletivo de artistas de rua “Pimp my carroça” organiza um dia no qual os grafiteiros ‘enfeitam’ os carrinhos

de catadores de lixo. Ao longo dos anos, a iniciativa se expandiu, e na edição de 2014 em Curitiba os membros da sociedade civil foram convidados a participar e a oferecer a sua experiência como engenheiros, técnicos, profissionais de saúde, cabeleireiros, manicures ou veterinários, ou simplesmente como voluntários. Um dia, uma praça da cidade enche-se de profissionais a serviço dos coletores de resíduos, suas famílias, seus animais de estimação e seus carrinhos. O sentido desse gesto é honrar os catadores pelo seu trabalho e também fornecer serviços que não são garantidos para os catadores de resíduos.

A memória de um dia de alegria e orgulho em receber um tratamento especial de estranhos e assistência médica gratuita repercute também em carroças mais estáveis (novos pneus, melhores estruturas e afins). A iniciativa dá uma nova visibilidade ao papel da arte, neste caso, o grafite: a de ser capaz de mobilizar muitos cidadãos urbanos de classe média e média-alta. Mensagens e grafites coloridos lembram a todos aqueles que sabem ler que a pessoa que está empurrando o carrinho está fazendo um trabalho precioso para preservar o meio ambiente, e que os catadores merecem respeito no trânsito (em vez de buzinas).

“Pimp my carroça” tem o mérito de chamar a atenção para os catadores de resíduos e de levar muitos jovens a tomar iniciativas e tratar os catadores da cidade com respeito e gratidão, oferecendo-lhes, simultaneamente, uma voz. O formato de uma feira de um dia está se espalhando por todo o país através das reuniões do Fórum Lixo e Cidadania, um Congresso Nacional de catadores de material reciclável, associados e independentes (DIAS, 2001). Cada ano os catadores escolhem a cidade em que a iniciativa terá lugar e, ainda que o evento ainda não tenha chegado a Belo Horizonte, ele já tem certa fama entre catadores da ASMARE, a ponto de a imagem de um dos carrinhos pintados em outra cidade ter sido apropriada e impressa em

um cartão postal representando as atividades culturais do RECICLO ASMARE Cultural.

Em Belo Horizonte, artistas de rua também promovem o reconhecimento social dos catadores de lixo, e parte desta colaboração é visível nas paredes de um galpão da ASMARE, não muito longe do centro. O Programa Dignidade, um projeto da Fundação Dom Cabral, uma Fundação para empresários em Belo Horizonte, teve início em 2013 para fortalecer os laços entre empreendedores sociais e grupos sociais com necessidade de visibilidade. O artista Negro F. foi um dos participantes do programa. Ele é um ativista pelos direitos dos grupos marginalizados em Belo Horizonte, mas também se define como um “empreendedor social, grafiteiro e educador através da arte”. Por meio de seu programa, ele reuniu jovens alunos dispostos a aprender como criar grafites, e eles já trabalharam nas paredes do novo galpão da ASMARE, na Rua Ituiutaba. O resultado é uma parede decorada com coloridas mensagens de dignidade, respeito, cidadania e inclusão social (fig. 2), ao lado de um edifício enorme, uniformemente azul, que abriga um centro de chamada internacional, em que jovens trabalhadores exprimem profissionalismo através de formalismo e ordem.



Figura 2: Muro do galpão da ASMARE na Rua Ituiutaba, Belo Horizonte. O grafite diz (2013): “Catador cidadão trabalho digno”

O grafite mostra que artistas e assistentes sociais estão ativamente preocupados com a dignidade de um grupo de profissionais marginalizados e estigmatizados e desejam apoiar publicamente a reivindicação dos catadores e catadoras de um tratamento digno na sociedade.

### **Conclusão: superando a estigmatização como categoria de profissionais**

Um catador no Brasil enfrenta um duplo estigma, porque ele ou ela é pobre e por causa de sua proximidade com a matéria poluente dos resíduos. Como país altamente desigual, esta dupla estigmatização é particularmente severa no Brasil por causa de seu modelo econômico precariamente justaposto: um impulso neoliberal em direção da privatização do lucro e da responsabilidade combinado com um enorme setor informal no qual os pobres lutam para ganhar a vida. Coletores de resíduos se enquadram na segunda categoria, mas muitas associações e cooperativas estão organizando o trabalho para elevar o estatuto profissional da categoria e melhorar seu acesso aos direitos e suas condições de vida (DAGNINO, 2007). A associação ASMARE em Belo Horizonte é apenas uma dessas cooperativas, mas que efetivamente conseguiu construir uma organização estruturada sem perder o foco na inclusão socioeconômica dos seus membros.

No caso da ASMARE, o mercado neoliberal foi empurrando catadores informais no sentido de um processo de profissionalização para que eles pudessem ser incluídos na cadeia formal de gestão de resíduos em Belo Horizonte. Os resultados foram a criação de uma cooperativa com uma estrutura clara, uma divisão interna do trabalho, em colaboração com especialistas de marketing e de gestão, uma infraestrutura funcional e um sistema de rastreamento para carrinhos em torno da cidade. Essas adaptações têm permitido à ASMARE ter acesso a financiamentos públicos e privados, bem como formar uma

rede de clientes públicos e privados, entre os quais está o próprio município. A ASMARE agora pode garantir a confiabilidade do mercado e a eficiência. Há, até mesmo, vozes dentro da Associação a favor de uma maior formalização para reforçar a sua competitividade no mercado de materiais recicláveis.

Se esta abordagem neoliberal, orientada para o mercado, promoveu a inclusão social dos catadores, essa se deu tanto no nível da associação quanto no nível individual: a crença na responsabilidade pessoal, privada, para o sucesso ou fracasso se encontra no núcleo do sistema. A responsabilidade de manter uma distância de práticas consideradas atrasadas, da informalidade e do estigma da poluição, depende do sucesso dos catadores informais em afastar-se de uma categoria que implica a estigmatização e a exclusão social. Nesse processo, a existência de categorias marginalizadas, e da pobreza em si, se tornou responsabilidade particular e, portanto, a culpa é associada ao estigma de ser catador. As políticas de “higienização” do município, cujo objetivo é erradicar o setor informal da paisagem urbana modernizada, consideram categorias socialmente excluídas responsáveis por sua própria condição. Se os catadores informais querem superar o estigma associado à profissão, terão que se separar da categoria em si.

No entanto, como já vimos, a ASMARE está buscando uma maneira de superar o estigma como categoria de profissionais e não só como cidadãos particulares, e a reciclagem tem sido usada como ‘capacitadora’ ativa nos discursos e atividades da ASMARE, tanto como prática quanto como termo.

Como termo, a reciclagem tem sido um poderoso canal de abertura de diálogo com a classe média. A exposição “Seu Lixandre” foi o resultado da colaboração entre catadores e profissionais da cultura de classe média, construída em torno de temas de sustentabilidade, degradação ambiental e desenvolvimento sustentável. Mas a recicla-

gem também tem representado uma oportunidade para a ASMARE de defender uma gestão de resíduos que promova a inclusão socioeconômica dos catadores.

A experiência do RECICLO ASMARE Cultural, bem como os projetos do “Programa Dignidade”, a parada no “Carnaval Banda Mole”, ou os passeios para escolas dentro dos galpões, que não discutimos aqui por falta de espaço, mostram como a ASMARE criou um ambiente para uma colaboração estável com a classe média. Concentrando-se sobre o tema da reutilização e da reciclagem, a associação de coletores de resíduos tem atraído a participação de universidades, designers, artistas e outros.

O discurso em torno de reciclagem tem permitido um diálogo constante entre coletores de resíduos e as classes média e média-alta. A reciclagem oferece aos catadores a possibilidade de superar a estigmatização através da participação como categoria de profissionais ativos na coleta de resíduos sem precisar passar pela assimilação em uma identidade de classe média como indivíduos distintos. Quando a estigmatização é considerada uma questão pessoal, relacionada com a responsabilidade pessoal de ser pobre e à incapacidade de sair da pobreza, superar a discriminação e marginalização é uma batalha difícil para os catadores. Nem mesmo a conquista de uma melhor condição econômica lhes permite evitar o estigma de ganhar a vida a partir da coleta de resíduos sólidos. A ASMARE abordou a questão da estigmatização e exclusão socioeconômica coletivamente e procurou aliados da classe média.

Os catadores de materiais recicláveis da ASMARE estão contribuindo para uma mudança de paradigma no Brasil: uma mudança na sociedade consumista, no sentido de um crescimento mais sustentável, a partir da responsabilidade particular rumo a uma responsabilidade compartilhada pelo meio ambiente, de uma estética negativa

da sujeira em direção a uma ética positiva que considere o reaproveitamento de resíduos como uma fonte de sustentabilidade ambiental na cidade. Os catadores de lixo, cientes de sua história de sofrimento e marginalização, agora se apresentam também como agentes ambientais, e os setores e os indivíduos da sociedade que são sensíveis às questões ambientais também são sensíveis à valorização de uma profissão há muito ignorada junto com os seus profissionais: os catadores e catadoras de papel, papelão e materiais recicláveis.

## Referências

ANDREWS, G. R. “Brazilian Racial Democracy, 1900-90: An American Counterpoint”. *Journal of Contemporary History*. v. 31, n. 3, p. 483-507, 1996.

BAUMAN, Z. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity, 2000.

BEKIN, C.; CARRIGAN, M.; SZMIGIN, I. “Caring for the Community. An Exploratory comparison of waste reduction behavior by British and Brazilian consumers”. *International Journal of Sociology and Social Policy*. v. 27, n. 5/6, p. 221-233, 2007.

BRYANT, R. L. “Political ecology. An emerging research agenda in Third-World studies”. *Political Geography*. v. 11, n. 1, p. 12-36, 1992.

CATADORES. Direção: M. Castelo Branco. Produção: J. Nicoletti; Peixe Grande Produções. 2013. Brasil: Espaço do Conhecimento UFMG. Grande producoes.

CHUA, A. “A World on the Edge”. *The Wilson Quarterly*. v. 26, n. 4, p. 61-76, 2002.

COLETTI, D. *The informal economy and employment in Brazil. Latin America, Modernization, and Social Changes*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

DAGNINO, E. “Dimensions of Citizenship in Contemporary Brazil”. *Fordham Law Review*. v. 75, p. 2469-2492, 2007.

DIAS, S. “O forum Municipal Lixo e Cidadania: Uma plataforma de Inclusão Social e Participação”. *WIEGO Políticas Urbanas, Resumos de Políticas*. n. 7, p. 1-5, 2001.

\_\_\_\_\_. “Integrating Informal Workers into Selective Waste Collection: the Case of Belo Horizonte, Brazil”. *WIEGO Policy Brief (Urban Policies)*. n. 4, p. 1-12, 2011.

DO CARMO, M. S. “An Analysis of Policies in Support of Waste Collecting in Rio de Janeiro – Three Case Studies”. In: DAMA-NHURI, E. (Org.) *Post-Consumer Waste Recycling and Optimal Production*, 2012. Disponível em: <<http://www.intechopen.com/books/post-consumer-waste-recycling-and-optimal-production/an-analysis-of-policies-in-support-of-waste-collecting-in-rio-de-janeiro-three-case-studies>>.

DOUGLAS, M. *Purity and Danger*. New York & London: Routledge Classics, 2002.

DRACKNER, M. “What is Waste? To Whom? An Anthropological Perspective on Garbage”. *Waste Management Resources*. v. 23, n. 3, p. 175-181, 2005.

ESTER, P.; SIMÕES, S.; VINKEN, H. “Cultural Change and Environmentalism: A Cross-National Approach of Mass Publics and Decision Makers”. *Ambiente & Sociedade*. v. 7, n. 2, p. 44-69, 2004.

GOFFMAN, E. *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. London: Penguin Books, 1986.

GUTBERLET, J. “Waste no Waste”. In: \_\_\_\_\_. *Recovering Resources – Recycling Citizenship. Urban Poverty Reduction in Latin America*. Victoria: Ashgate, 2008. p. 1-17.

\_\_\_\_\_.; JAYME, B. O. “The story of my face: how environmental stewards perceive stigmatization (re)produced by discourse”. *Sustainability*. n. 2, p. 3339-3353, 2010.

\_\_\_\_\_. “Middle class alliances to end poverty? Commentary on Victoria Lawson with Middle Class Politics Research Group’s ‘Decentering poverty studies: middle class alliances and the social construction of poverty’”. *Singapore Journal of Tropical Geography*. v. 33, p. 20-24, 2012.

HAWKINS, G. *The ethics of waste: how we relate to rubbish*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/31Z>>. Acesso em: 24 out. 2013.

JAFFE, R.; DÜRR, E. “Introduction: Cultural and material forms of urban pollution”. In: \_\_\_\_.; \_\_\_\_ (Orgs.). *Urban Pollution: Cultural Meanings, Social Practices*. Oxford and New York: Berghahn, 2010.

JOPPKE, C. Transformation of Citizenship: Status, Rights, Identity. *Citizenship Studies*. v. 11, n. 1, p. 37– 48, 2007.

KOLLMUSS, A.; AGYEMAN, J. “Mind the Gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior?” *Environmental Education Research*. v. 8, n. 3, p. 239-260, 2002.

LAWSON, V. “Decentering poverty studies: Middle class alliances and the social construction of poverty”. *Singapore Journal of Tropical Geography. Victoria Lawson with Middle Class Poverty Politics Research Group*, v. 33, p. 1-19, 2012.

MEDINA, M. *The informal recycling sector in developing countries*. Organizing waste pickers to enhance their impact. Grid Lines. Note n. 44, 2008.

PREFEITURA Municipal de Belo Horizonte. Plano Municipal de Saneamento de Belo Horizonte – PMS BH 2008-2011, 2008.

SCANLAN, J. *On Garbage*. Bath: CPI Bath Press, 2005.

STARRIN, G. *Unemployment, poverty and shame – exploring the field*. Sweden: Karlstad University, [draft 06-09-2002].

TREMBLAY, C.; GUTBERLET, J. “Empowerment through participation: assessing the voices of leaders from recycling cooperatives in São Paulo, Brazil”. *Community Development Journal*. v. 47, n. 2, p. 282-302, 2010.

TWINE, F. W. *Racism in a Racial Democracy*. “The maintenance of white supremacy in Brazil”. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

WILSON, D. C.; VELIS, C.; CHEESEMAN, C. R. “Role of informal sector recycling in waste management in developing countries”. *Habitat International*. v. 30, p. 797- 808, 2006.